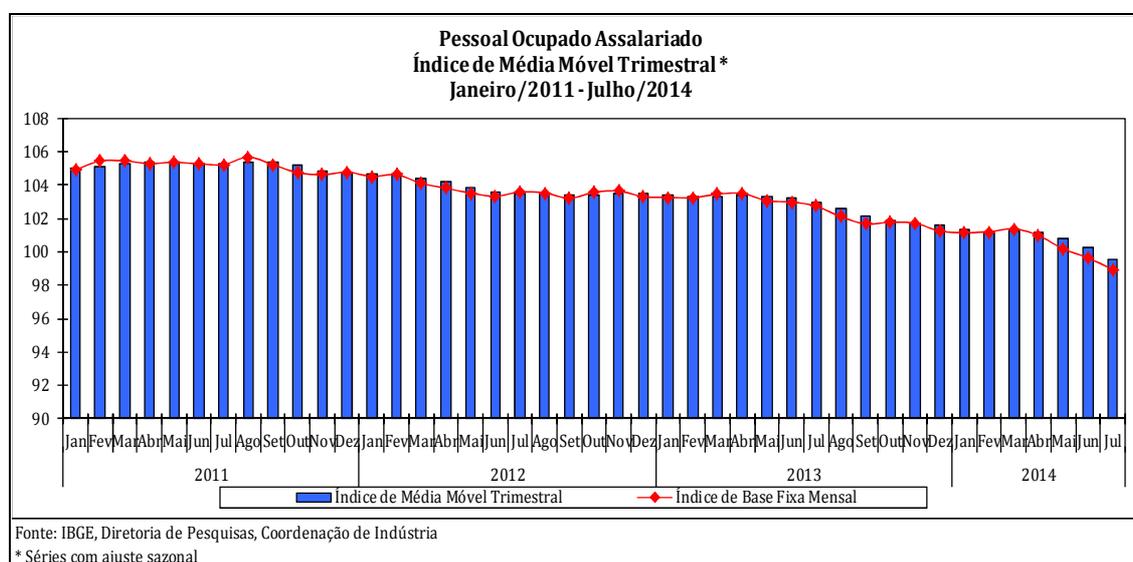


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em julho de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado na indústria mostrou queda de 0,7% frente ao patamar do mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, quarta taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 2,4%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou redução de 0,7% no trimestre encerrado em julho de 2014 frente ao patamar assinalado no mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em abril do ano passado.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o emprego industrial mostrou queda de 3,6% em julho de 2014, trigésimo quarto resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o mais intenso desde novembro de 2009 (-3,7%). Com isso, o índice acumulado nos sete meses do ano (-2,6%) também apontou recuo. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 2,2% em julho de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro do ano passado (-1,0%).

No confronto com igual mês do ano anterior, o emprego industrial recuou 3,6% em julho de 2014, com o contingente de trabalhadores apontando redução em todos os quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre a média global foi observado em São Paulo (-5,1%), pressionado em grande parte pela redução no total do pessoal ocupado em

dezesesseis das dezoito atividades, com destaque para as indústrias de produtos de metal (-12,2%), de meios de transporte (-7,2%), de máquinas e equipamentos (-6,7%), de alimentos e bebidas (-3,8%), de produtos têxteis (-13,5%), de outros produtos da indústria de transformação (-9,7%) e de calçados e couro (-12,3%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Paraná (-5,6%), Rio Grande do Sul (-3,8%), Região Nordeste (-2,6%), Minas Gerais (-2,3%) e Rio de Janeiro (-2,9%), com o primeiro influenciado, principalmente, pelas quedas verificadas nos setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-36,5%), outros produtos da indústria de transformação (-13,8%), vestuário (-11,1%) e meios de transporte (-6,7%); o segundo pressionado especialmente pelos ramos de máquinas e equipamentos (-9,0%), calçados e couro (-6,4%), metalurgia básica (-26,6%), meios de transporte (-6,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,0%) e produtos de metal (-2,6%); o terceiro devido à retração registrada nos setores de alimentos e bebidas (-4,8%), calçados e couro (-4,7%), outros produtos da indústria de transformação (-7,4%), produtos têxteis (-4,7%) e máquinas e equipamentos (-8,4%); o quarto influenciado, em grande parte, pelos recuos assinalados por calçados e couro (-17,2%), meios de transporte (-5,7%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,5%); e o último pressionado, em grande medida, pelas quedas verificadas em vestuário (-23,2%), produtos de metal (-10,9%), meios de transporte (-6,5%), borracha e plástico (-7,4%) e indústrias extrativas (-3,6%).

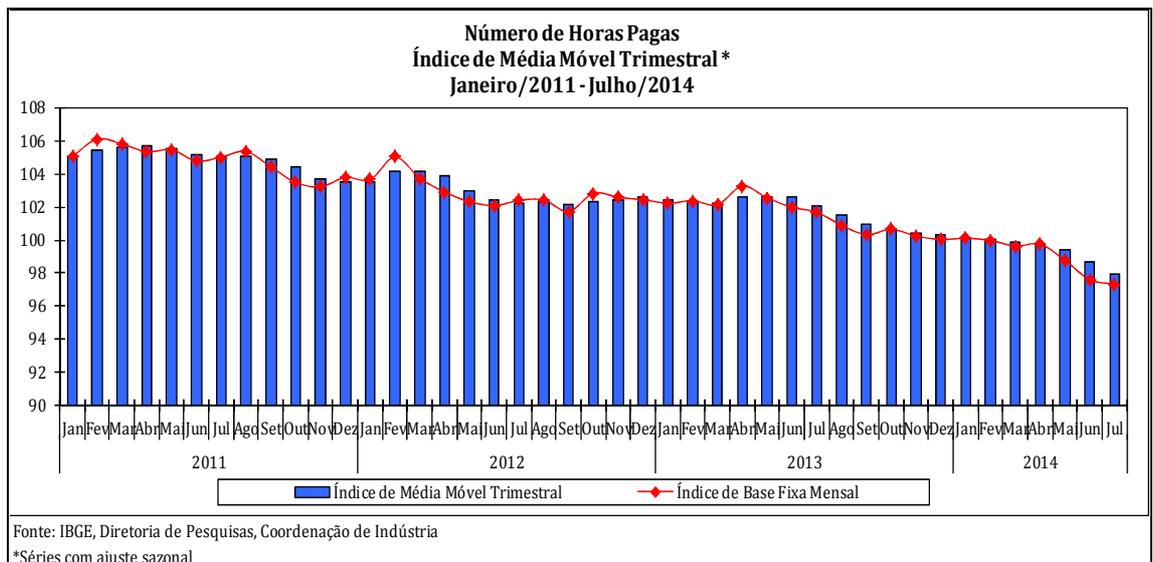
Setorialmente, ainda no índice mensal de julho de 2014, o total do pessoal ocupado assalariado recuou em quinze dos dezoito ramos pesquisados, com destaque para as pressões negativas vindas de meios de transporte (-6,6%), produtos de metal (-7,3%), máquinas e equipamentos (-5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,1%), calçados e couro (-7,9%), alimentos e bebidas (-1,5%), vestuário (-4,6%), produtos têxteis (-5,4%) e outros produtos da indústria de transformação (-4,5%). Por outro lado, os impactos positivos sobre a média da indústria foram

observados nos setores de minerais não-metálicos (1,6%), de produtos químicos (1,1%) e de papel e gráfica (0,1%).

No índice acumulado nos sete meses de 2014, o emprego industrial mostrou queda de 2,6%, com taxas negativas em treze dos quatorze locais e em quatorze dos dezoito setores investigados. Entre os locais, São Paulo (-3,7%) apontou o principal impacto negativo no total da indústria, vindo a seguir Rio Grande do Sul (-4,0%), Paraná (-3,9%), Minas Gerais (-1,8%), Região Nordeste (-1,3%) e Rio de Janeiro (-1,9%). Por outro lado, Pernambuco, com avanço de 1,1%, exerceu a única pressão positiva. Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, as contribuições negativas mais relevantes sobre a média nacional vieram de produtos de metal (-6,7%), máquinas e equipamentos (-5,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-6,7%), calçados e couro (-7,7%), meios de transporte (-3,7%), produtos têxteis (-5,1%), refino de petróleo e produção de álcool (-8,3%), vestuário (-2,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-3,2%). Em sentido contrário, os principais impactos positivos foram registrados por alimentos e bebidas (0,5%) e produtos químicos (1,9%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em julho de 2014, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, mostrou variação negativa de 0,3% frente ao nível do mês imediatamente anterior, terceira taxa negativa seguida, acumulando nesse período perda de 2,4%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou recuo de 0,8% no trimestre encerrado em julho de 2014 frente ao patamar do mês anterior e manteve a trajetória descendente iniciada em maio de 2013.



O número de horas pagas aos trabalhadores da indústria mostrou redução tanto no índice mensal de julho de 2014 (-4,2%), décima quarta taxa negativa consecutiva neste tipo de confronto e a mais intensa desde outubro de 2009 (-5,3%), como no índice acumulado dos sete meses de 2014 (-3,1%). A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de -2,3% em junho para -2,6% em julho de 2014, manteve a trajetória descendente iniciada em setembro de 2013 (-1,0%).

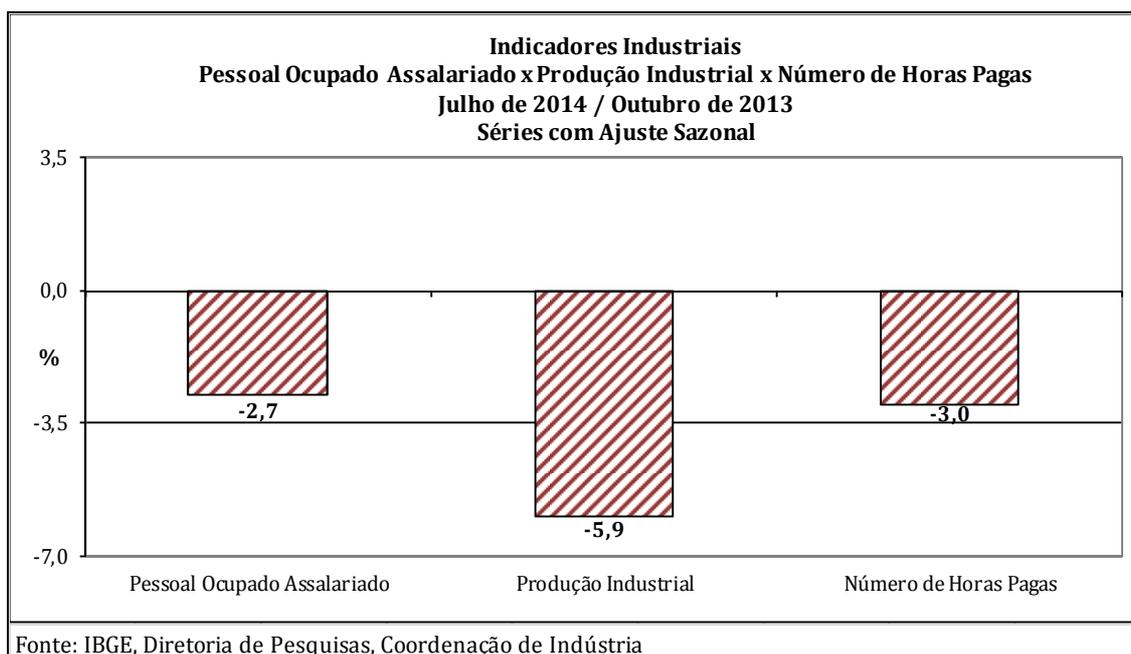
Em julho de 2014, o número de horas pagas recuou 4,2% no confronto com igual mês do ano anterior, com perfil disseminado de queda, já que todos os quatorze locais e dezesseis dos dezoito ramos pesquisados apontaram taxas negativas. Em termos setoriais, as principais influências negativas vieram de meios de transporte (-8,0%), produtos de metal (-9,1%), máquinas e equipamentos (-7,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,9%), calçados e couro (-8,7%), vestuário (-5,6%) e alimentos e bebidas (-1,7%). Em sentido contrário, os setores de produtos químicos (1,9%) e de minerais não-metálicos (1,5%) assinalaram os impactos positivos nesse mês.

Entre os locais, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, São Paulo (-5,4%) apontou a principal influência negativa sobre o total do país em julho de 2014, pressionado em grande parte pela redução no número de horas pagas nos setores de meios de transporte (-10,1%), produtos de metal (-14,0%), máquinas e equipamentos (-8,6%), produtos têxteis (-14,5%),

alimentos e bebidas (-3,2%) e outros produtos da indústria de transformação (-9,0%). Vale mencionar também os impactos negativos assinalados por Paraná (-7,0%), devido, sobretudo, aos recuos verificados em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-44,2%), outros produtos da indústria de transformação (-15,0%), vestuário (-11,4%) e meios de transporte (-9,2%); Rio Grande do Sul (-5,3%), explicada em grande medida pelas quedas nos ramos de máquinas e equipamentos (-12,7%), meios de transporte (-9,7%), calçados e couro (-5,8%), metalurgia básica (-26,3%) e produtos de metal (-7,9%); Região Nordeste (-3,4%), em função, principalmente, dos recuos observados em alimentos e bebidas (-5,0%), calçados e couro (-5,8%), produtos têxteis (-6,0%), produtos de metal (-9,2%), indústrias extrativas (-8,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-6,7%); e Minas Gerais (-3,2%), por conta, principalmente, das pressões negativas vindas de calçados e couro (-34,2%), meios de transporte (-5,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-8,5%), indústrias extrativas (-3,8%), outros produtos da indústria de transformação (-4,2%) e borracha e plástico (-6,0%).

No índice acumulado nos sete meses de 2014 houve recuo de 3,1% no número de horas pagas, com quatorze dos dezoito setores pesquisados apontando taxas negativas. Os impactos negativos mais relevantes na média global da indústria foram verificados nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,4%), produtos de metal (-7,7%), máquinas e equipamentos (-6,2%), meios de transporte (-5,1%), calçados e couro (-8,0%) e produtos têxteis (-6,2%). Em sentido oposto, o setor de minerais não-metálicos (1,6%) exerceu a principal contribuição positiva sobre o total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria. Em nível regional, treze dos quatorze locais investigados apontaram taxas negativas, com destaque para o recuo de 4,4% registrado por São Paulo, vindo a seguir as perdas verificadas no Rio Grande do Sul (-5,3%), Paraná (-5,1%), Minas Gerais (-2,6%) e Região Nordeste (-2,3%). Em contrapartida, a Região Norte e Centro-Oeste, com variação de 0,4%, assinalou a única influência positiva nos sete primeiros meses de 2014.

Em síntese, o total do pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria permaneceram com o comportamento de menor intensidade, com ambos acumulando perdas de 2,4%, em respectivamente, quatro e três meses de taxas negativas consecutivas. Vale destacar que o comportamento predominantemente negativo do emprego industrial e do número de horas pagas ao longo de 2014 reflete, especialmente, a diminuição de ritmo que marca a produção industrial desde o último trimestre de 2013, com redução de 5,9% desde outubro de 2013. Nesse mesmo período, o total do pessoal ocupado e do número de horas pagas também mostraram perdas: de -2,7% e de -3,0%, respectivamente. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade do mercado de trabalho do setor industrial, já que esse indicador prosseguiu, nas duas variáveis, com o desempenho predominantemente negativo desde o primeiro semestre do ano passado.

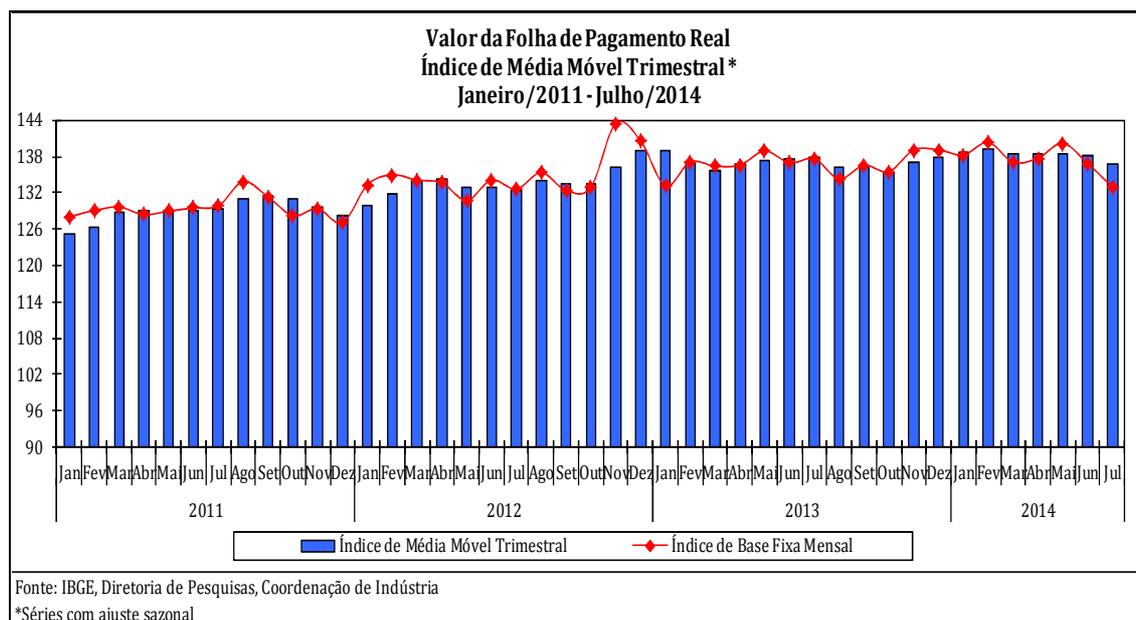


Na comparação com igual mês do ano anterior, o pessoal ocupado assalariado e o número de horas pagas na indústria prosseguiram em julho de 2014 assinalando taxas negativas, com ambos apontando as perdas mais intensas desde, respectivamente, novembro e outubro de 2009. Com isso, o índice acumulado nos sete meses de 2014 permaneceu com comportamento negativo e intensificou, tanto no total do pessoal ocupado assalariado,

como no número de horas pagas, o ritmo de queda frente aos resultados do primeiro semestre do ano, acompanhando o movimento de redução também verificado na produção industrial.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em julho de 2014, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,9% frente ao mês imediatamente anterior, segundo resultado negativo consecutivo nesse tipo de comparação, acumulando nesse período redução de 5,2%. Vale destacar que nesse mês a indústria de transformação e o setor extrativo, ambos com queda de 2,7%, apontaram taxas negativas. Com isso, o índice de média móvel trimestral para o total da indústria mostrou queda de 1,1% no trimestre encerrado em julho de 2014 frente ao patamar do mês anterior, e manteve o comportamento predominantemente negativo presente desde março último.



Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real assinalou recuo de 3,4% em julho de 2014 e intensificou a taxa negativa registrada no mês anterior (-0,3%). No índice acumulado dos sete meses do ano, observou-se expansão de 0,6%, ritmo de crescimento abaixo do verificado no fechamento do primeiro semestre do ano (1,3%), ambas as comparações contra iguais períodos do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, com variação positiva

de 0,1% em julho de 2014, mostrou perda de ritmo frente aos resultados de janeiro (1,6%), fevereiro (1,5%), março (1,4%), abril (1,2%), maio (0,9%) e junho (0,7%).

Na comparação com igual mês do ano anterior, o valor da folha de pagamento real apontou queda de 3,4% em julho de 2014, com resultados negativos em doze dos quatorze locais investigados. A principal influência negativa no total nacional foi assinalada por São Paulo (-4,2%), pressionado, em grande parte, pela queda no valor da folha de pagamento real nos setores de meios de transporte (-5,4%), alimentos e bebidas (-7,2%) e produtos de metal (-12,0%). Vale citar também as contribuições negativas vindas do Rio Grande do Sul (-5,7%), Região Nordeste (-4,3%), Paraná (-3,4%) e Minas Gerais (-2,3%), influenciadas, principalmente, pelas reduções observadas nos setores de máquinas e equipamentos (-10,0%), calçados e couro (-10,5%), refino de petróleo e produção de álcool (-47,8%), metalurgia básica (-24,9%), meios de transporte (-6,3%), produtos de metal (-5,8%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-11,1%), no primeiro local; de indústrias extrativas (-20,2%), alimentos e bebidas (-6,9%), produtos têxteis (-10,5%) e calçados e couro (-4,7%), no segundo; de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-45,4%), refino de petróleo e produção de álcool (-30,2%) e outros produtos da indústria de transformação (-10,3%), no terceiro; e de refino de petróleo e produção de álcool (-29,3%), meios de transporte (-4,4%), calçados e couro (-25,2%), metalurgia básica (-3,2%) e máquinas e equipamentos (-6,5%), no último. Em sentido contrário, os impactos positivos sobre a média global foram verificados na Bahia (2,4%) e na Região Norte e Centro-Oeste (0,5%), impulsionados, em grande parte, pelos avanços registrados nos setores de meios de transporte (63,0%), influenciado pelo pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, no primeiro local, e de alimentos e bebidas (4,8%), no segundo.

Setorialmente, ainda no índice mensal de julho de 2014, o valor da folha de pagamento real no total do país recuou em dezessete dos dezoito

ramos investigados, com destaque para meios de transporte (-3,5%), refino de petróleo e produção de álcool (-13,9%), produtos de metal (-7,8%), alimentos e bebidas (-2,2%), indústrias extrativas (-6,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-5,9%), máquinas e equipamentos (-3,0%), metalurgia básica (-3,7%) e calçados e couro (-6,5%). Por outro lado, o único impacto positivo foi verificado no setor de minerais não-metálicos (0,8%).

No índice acumulado nos sete meses de 2014, o valor da folha de pagamento real avançou 0,6%, com taxas positivas em nove dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição positiva sobre o total da indústria foi assinalada por Região Norte e Centro-Oeste (4,3%), vindo a seguir as influências registradas por Santa Catarina (2,2%), São Paulo (0,3%), Paraná (1,4%) e Minas Gerais (0,7%). Em sentido contrário, os impactos negativos mais relevantes foram observados no Rio Grande do Sul (-1,0%), Rio de Janeiro (-0,5%), Ceará (-1,9%) e na Região Nordeste (-0,3%).

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real avançou em dez das dezoito atividades pesquisadas, impulsionado, principalmente, pelos ganhos vindos de alimentos e bebidas (4,6%), minerais não-metálicos (5,1%), borracha e plástico (3,8%), meios de transporte (1,0%), indústrias extrativas (2,0%), produtos químicos (1,0%) e vestuário (1,7%). Por outro lado, os setores de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-4,3%), produtos de metal (-3,6%), máquinas e equipamentos (-1,8%), papel e gráfica (-2,1%) e calçados e couro (-3,0%) assinalaram as principais contribuições negativas no índice acumulado dos sete meses do ano.